

### **O que costumam ser e o que poderiam ser os Monumentos Comemorativos**

É vulgar dizer-se: – «Nunca tinha pensado nisso!» Esta palavra dirige-se àqueles que «nunca tinham pensado nisto».

Não vou dar uma lição: vou «chamar a atenção».

Afianço também, sob minha palavra de honra, que não quero atingir ninguém nem monumento algum: Para poder comentar com plena liberdade de acção, consegui esquecer-me dos exemplos e dos autores – mas antes de mergulhar neste esquecimento ainda tive tempo de fazer êste voto: – «Oxalá que, se um dia tiver de projectar um monumento ao Marquês de Pombal, para ser construído umas dezenas de anos depois, eu o considere tão mau, depois de concluído, como aquele inaugurado recentemente – e que afinal, bom ou mau, é tão digno da feroz indignação de que foi alvo como tantíssimos outros que existem por cá e por êsse Mundo fóra.

Morreu um Homem que fez em vida qualquer coisa. Passados anos alguém se lembra de lhe erigir um monumento.

Como ha-de ser?...

Consultem o grande público e êle responderá, de uma maneira que julga vaga mas é cheia de precisão: – «Um pedestal com uma figura em cima, e, em baixo, várias estátuas alegóricas».

Consultem os intelectuais, e êles dirão, depois de grandes esforços de imaginação:

«– Um pedestal com uma figura em cima, e várias estátuas alegóricas em baixo!...»

Profundem o pensamento do architecto ou do escultor e no fundo êle estará pensando, um bocado envergonhado, que, afinal, se os outros estão já habituados a isso – porque não ha-de ser «um pedestal com uma figura em cima e várias estátuas alegóricas por baixo?...»

Chamemos a este tipo de monumento o *tipo A*.

O *tipo A* dura há dezenas de anos como há dezenas de anos que as facas são constituídas por uma lâmina metida num cabo, é certo; mas a função de uma faca é restrita: *cortar* – e um monumento tem tão variadas funções além de *comemorar* que é tempo de pensarmos a sério no *tipo B*!

Façamos justiça ao *tipo A* quando é bom, e pensemos que – no fundo – o primeiro pensamento que ocorre a quem pretende elevar às alturas alguém – à letra e em sentido figurado – é realmente colocar êsse alguém acima de qualquer coisa alta!...

Tomemos um monumento vulgar do *tipo A* e analisêmo-lo sob os dois pontos de vista: *arquitectónico e escultórico*.

### **O que costuma ser a escultura**

O Homem – de pedra, de bronze, sentado, de pé, a cavalo – é forçado pela opinião pública a tomar uma atitude vigorosa:

Se é tribuno tem de estender os braços e abrir a bôca numa alocução ou viva que ninguém ouve; se é guerreiro tem de erguer o sabre, incitando soldados imaginários a uma avançada que vai garantir a vitória; se é poeta, tem de pôr os olhos em alvo e dar às mãos atitudes preciosas e amaneiradas para que se adivinhe o verso harmonioso e a imagem subtil – e quanto mais crítica fôr a sua situação, pela exigüidade do espaço que lhe destinaram lá em cima, pela altura a que faz equilíbrios, pelos próprios equilíbrios; quanto mais espalhafatosa fôr a atitude, quanto mais gesticular, berrar, incitar, cerrando os punhos ou batendo no peito – mais o grande público se extasia, sem se lembrar de que não está no teatro, que aquilo não é um instantâneo para revista desportiva, que não se trata de quadros vivos em récita de caridade – sem se lembrar, sobretudo, que chega a ser desrespeito pela memória de um morto ilustre, forçar a sua efígie a uma ginástica vexatória que confrange, que oprime, que nos faz lembrar o cansaço muscular, a caimbra, a falta de fôlego.

E como pode acontecer que tenhamos de passar por lá todos os dias - e todos os dias o vemos na mesma posição incómoda, acabamos, – triste comemoração! – por ter vontade de voltar a cara para o lado, porque passamos a ter dó do herói, a confundir o filantropo com o equilibrista e o orador com o homem de fôrças.

Mas há mais: aquelas mesmas pessoas que gostaram, são as primeiras, se não a inventá-los, a ouvir com prazer os comentários de que o guerreiro estende o braço a ver se chove, o poeta a mão, à espera do copo de vinho.

O mesmo se diz, com mais forte razão, das figuras alegóricas que acompanham o Homem – e que empurram canhões, puxam carroças, tentam erguer pedregulhos – e tudo aflitivamente parado – museu de figuras de cera!...

Parece que êsses figurantes estão a mais; são intrusos que puxam e empurram o monumento, procuram desequilibrá-lo, ou se agarram a êle para não resvalarem nas rampas de pedra a fingir terra.

Apetece pagar-lhes o ordenado e mandá-los embora, ou pedir-lhes que tomem o seu papel a sério e não pousem para a objectiva.

Deviam ser *argumentos* para justificar a comemoração e não passam de meras *anecdotas* contadas em ocasiões solenes.

### **O que costuma ser a arquitectura**

O volume geral é o de uma palmatória munida de vela. A palmatória pode afectar a forma circular ou poligonal, ter ou não ter degraus, etc.; a vela pode ser cilíndrica, prismática, etc.; tôdas as variantes são possíveis.

Mas é preciso enriquecer o conjunto, meter-lhe coisas que entretenham a vista, que façam *brilhar* os artistas-autores, que justifiquem o dinheiro gasto: além da figuração mencionada surgem os baixos relevos, os discursos gravados na pedra, as molduras inúteis, os festões, os legumes petrificados idem, as imitações do antigo, as pilastras, as colunas com capitéis que vêm do tempo da Grécia e Roma antigas. – Muitos dêsses monumentos, descascados, rapados, tosquiados, seriam outra coisa.

Mas se o Homem é do século XV, a palmatória é manuelina, se é do século XVIII, João Quintina: é forçoso!

E assim ficariam os vindouros sem saber, quanto o tempo ennegrecesse a pedra, e dado que a imitação fôsse perfeita, se o *tipo A* fôra levantado no século XX ou se nos séculos XV ou XVIII.

A preocupação do pormenor, das coisinhas inúteis, rebaixa a arquitectura, amesquinha-a, desmente a época de sacrifício e velocidade que atravessamos, e que não é um século XVIII de minuetes mas um século XX de luta pela vida.

Acabem-se os *bonitinhos* na arquitectura, que não é arte para brincadeiras, e fiquem as «Serenatas de Toselli» para entreter os serões.

Aprendamos a distinguir o que é *bom* do que é *mau* e não os confundamos, sobretudo em Arquitectura, com o *bonitinho* e o *feio*.

A Arquitectura não é para as crianças nem para os leigos. Os críticos que estudem arquitectura para a poderem depois ensinar, e que não tenham de confessar honestamente – como é frequente nas críticas das Exposições Anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes – que não se sentem com fôrças para emitir opiniões nesse capítulo, depois de se terem alargado em considerações sôbre a pintura e a escultura.

Numa palavra: Se não há críticos de arte que critiquem arquitectura, como há de o grande público compreender arquitectura?

E que hão de o arquitecto e o escultor fazer senão *transigir* continuamente?

*Aldous Huxley*, o mais moderno dos romancistas ingleses, diz no seu romance *Antic Hay*, falando da falta de compreensão geral no capítulo «arquitectura»: – «Se um grupo de músicos de filarmónica se juntar à esquina de uma rua, tocando infernalmente, cada um a sua música e cada música em seu tom diferente, o primeiro polícia manda-os circular, o segundo prende-os a todos – e no caminho para a esquadra próxima os populares apedrejam os músicos...

Se na mesma esquina da mesma rua se estiver concluindo um edifício de má arquitectura, nem a polícia prende o arquitecto nem os populares o apedrejam: ninguém deu por nada!...»

Rectifico: infelizmente o polícia e os transeuntes costumam aplaudir o *tipo A*.

*O que poderiam ser os monumentos* deduz-se em parte dos comentários anteriores e completa-se com os princípios seguintes:

1.º – É preciso que se parta de uma *idéia* e que se lhe dê *forma*, em vez de partir de uma forma convencionada e encaixar-lhe dentro uma idéia.

2.º – Que essa forma seja compreensível, descritiva, e exprima, tanto quanto possível, essa *idéia* seja essa forma qual fôr.

3.º – Que essa forma seja *pura*, que responda directamente a um pensamento elevado e simples, isenta de acessórios inúteis, *nua* como a verdade.

4.º – Que os seus *elementos* componentes não sejam reproduções de elementos catalogados, que não têm senão uma significação convencional, mas os que a época criou «naturalmente» ou aqueles que são comuns aos pensamentos comuns a tôdas as épocas e não à *moda de pensar* em determinada época passada.

5.º – Que aja *estabilidade, serenidade*, tanto na arquitectura como na escultura.  
Exemplos de boas esculturas arquitectónicas:

– O «Gonçalves Zarco», de Francisco Franco, e aquela de Ruy Roque Gameiro, que como a primeira, esteve exposta na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

6.º – Que se comemore também, englobando o monumento convencional no monumento útil, fundindo a estátua do pedagogo, para exemplo, no edifício-escola.

7.º – Que os monumentos sejam *um grito*, apenas, e não... *uma gritaria!*...

8.º – Que na busca da idéia e da forma se faça um esforço *inovador* em vez de *acomodatício*.

9.º – Que se mantenha o respeito pelo passado mas que se exija respeito pelo presente, ou talvez mais: pelo futuro.

10.º – Que com a ajuda de Deus, Nosso Senhor, as sensibilidades se eduquem, os ignorantes se cultivem e os artistas acabem por excluir do seu dicionário o verbo *transigir*, quer com os medíocres, quer com as próprias consciências.

N. da R. – Esta palestra do arquitecto Cottinelli Telmo, artista da vanguarda, foi radiodifundida pela Emissora Nacional no passado domingo e, por amável aquiescência do seu autor, cedida a *O Diabo*.